

OFÍCIOS À BEIRA DA EXTINÇÃO: O CASO DOS ALFAIATES NA CIDADE DE PELOTAS

VASCONCELLOS, Marciele A. de¹

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

GILL, Lorena Almeida²

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

LONER, Beatriz Ana³

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

¹ Bolsista BIC/FAPERGS – cielevasconcellos@hotmail.com

² Professora Dra. do ICH - lorenaalmeidagill@gmail.com

³ Professora Dra. do ICH – bialoner@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Atualmente uma variada gama de ofícios, outrora considerados imprescindíveis, encontram-se em processo de extinção devido às transformações na sociedade provocadas pelo advento de novas tecnologias, motivadas pela necessidade de aceleração da produção industrial. As técnicas empregadas por esses profissionais como, por exemplo, os alfaiates, relojoeiros, afiadores de facas, chapeleiros e os serviços das parteiras e dos artesãos, tornaram-se obsoletas frente ao mundo globalizado. No entanto, a trajetória desses trabalhadores e suas vivências constituem um importante relato sobre as transformações da sociedade e as nuances do mundo do trabalho.

Nesta perspectiva, visando contribuir para reflexões que se inserem no âmbito das Ciências Humanas, no ano de 2009 teve início o projeto de pesquisa intitulado “*À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer*”, que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Através do projeto, busca-se observar as transformações provocadas nestes ofícios que se encontram em vias de extinção, além de problematizar as relações que esses trabalhadores mantinham com as políticas trabalhistas no governo Vargas, bem como suas condições de lazer, saúde e educação.

Além de destacar o decurso do projeto ora mencionado, o presente resumo será focado, substancialmente, no ofício da alfaiataria, outrora considerada uma atividade importante na sociedade, mas, atualmente, conforme constatado no projeto, se encontra praticamente extinta na cidade de Pelotas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O projeto utiliza-se, principalmente, da metodologia de História Oral visando à realização de entrevistas com profissionais, da metade sul do Estado e das regiões de fronteira. As entrevistas realizadas têm o seu áudio transcrito e, em alguns casos, são filmadas, quando há o consentimento do entrevistado. Ferreira (2002, p. 16) destaca que “*La historia oral es un camino rico para superar*

las oposiciones entre memoria e historia, y abre posibilidades para entender los caminos de construcción de la memoria, sus funciones y sus usos políticos". No entanto, a par dos benefícios elencados, a autora também ressalta que a metodologia de História Oral exige um cuidado redobrado, permanente reflexão e avaliação dos seus processos de investigação.

A pesquisa também se vale da investigação documental, atentando para a assertiva de Le Goff (2003, p. 538) de que "no limite, não existe um documento-verdade". Neste contexto, são analisados os processos que compõe o acervo da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas, que se encontra, atualmente, no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel (NDH-UFPel). Este acervo abrange as décadas de 1940 a 1990. Além disso, com exceção de alguns autos iniciais que se encontram em Porto Alegre, compõe o acervo todos os processos da região, fato que o caracteriza como o mais completo do Rio Grande do Sul. (LONER, 2010)

A investigação dos processos da Justiça do Trabalho possibilita a problematização das relações que os trabalhadores mantinham com as políticas trabalhistas, as leis e o Direito. Além disso, por intermédio dos documentos apensos aos processos – laudos médicos, atestados, carteiras de trabalho, cartas, fichas de empregados, fotos e depoimentos pessoais – torna-se possível a percepção do modo como a reclamação jurídica refletiu as insatisfações materiais ou ideais nas relações de trabalho.

Por meio da pesquisa no jornal *Diário Popular*, que compõe a hemeroteca da Biblioteca Pública de Pelotas, busca-se verificar como a imprensa noticiava as transformações tecnológicas pelas quais passava a cidade de Pelotas. Luca (2005) atenta para a importância de se problematizar as características materiais e técnicas das fontes impressas, o que permite que o conteúdo da fonte escolhida não se isole do contexto sociocultural específico do qual faz parte. Nesta perspectiva, a análise dos periódicos deve atentar para questões que envolvam, por exemplo, a sua periodicidade; seu suporte material; o uso ou supressão de iconografia e publicidade, bem como, os principais responsáveis pela linha editorial. Além disso, para a autora (2005, p. 139) a análise do discurso permite ao historiador problematizar "a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento".

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, foram realizadas dezesseis entrevistas de História Oral, sendo entrevistados doze benzedeiros, em Pelotas e São Lourenço, e três alfaiates e um relojoeiro na cidade de Pelotas. No entanto, no decurso do projeto pretende-se ampliar o número de entrevistas, além de expandi-las às regiões de fronteira. Atualmente, encontram-se programadas entrevistas com uma parteira, da cidade Lavras do Sul; além de um motorneiro, nome dado ao operador de bonde elétrico, e uma chapeleira, ambos na cidade de Pelotas.

No campo da alfaiataria é possível elencar alguns resultados parciais. Em Pelotas, atualmente, existem apenas três alfaiatarias instaladas no centro comercial da cidade. Em dois destes estabelecimentos há apenas um alfaiate, também proprietário do negócio, que realiza sozinho a confecção dos trajes. Somente na *Alfaiataria Silva* encontra-se empregado outro alfaiate que trabalha

com o proprietário, Milton Gonçalves Silva, há cinquenta anos, tendo iniciado como aprendiz, em alusão às corporações de ofício na Idade Média.

Conforme o depoente Milton Silva, em meados da década de 1950, existiam cerca de vinte alfaiatarias na cidade, que empregavam uma média de dez a quinze funcionários. Pretende-se levantar através da análise documental o número total de alfaiatarias existentes no período, sua localização e o ano de início e término das atividades. Para Silva e Aued (2000), as alfaiatarias da cidade de Florianópolis caracterizavam-se como pontos de encontro, em que a arte da costura se mesclava com as formas de socialização. Neste aspecto, através do relato dos depoentes, busca-se compreender as transformações no contexto social e cultural que induziram, primeiramente, a necessidade do ofício e, posteriormente, seu processo de extinção.

Ao analisar as entrevistas dos três depoentes, se constata alguns pontos semelhantes em seus relatos. Quando indagados sobre o possível aumento ou declínio do fluxo de clientes no decorrer dos anos, declararam que houve uma queda significativa no número de fregueses, atribuindo essa diminuição, principalmente, aos reflexos da produção industrial de roupas. Além disso, os três depoentes destacaram a diminuição no número de peças encomendadas por cliente, ocasionada pela perda do costume de usar o traje. Segundo Milton Silva, antigamente, *“não havia confecção, era só roupa sob medida”*. Além disso, para ele *“a fabricação de roupas em massa, em quantidade, acabou com o artesanal”*.

Os depoentes afirmaram que aprenderam a profissão em alfaiatarias da cidade. No entanto, quando indagados sobre o ensino do ofício aos aprendizes, o depoente Milton Silva destacou que, antigamente, ensinava muitos aprendizes, mas com o passar do tempo e o crescente declínio da profissão o interesse diminuiu. Em contrapartida, o alfaiate José Fernando Brem destacou que começou a ensinar dois ou três meninos, mas o significativo aumento do número de reclamações trabalhistas movidas por aprendizes o motivou a continuar trabalhando sozinho. José Fernando também afirmou que *“a pessoa aprendendo [o ofício] já é uma grande coisa; aprende [e] depois vai seguir o caminho dele, porque comigo foi assim”*. Francisco Marques, outro entrevistado, destacou que no início das suas atividades como alfaiate, ganhava meio salário mínimo e, apenas após um ano de serviço teve vínculo empregatício legalizado. Segundo ele, o pagamento dos encargos sociais prejudica o emprego de novos funcionários em sua alfaiataria.

Nascimento (2007) destaca que, atualmente, os aprendizes são empregados menores de idade regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas, que recebem os ensinamentos de uma determinada profissão. Em contrapartida, pode-se constatar no relato dos três entrevistados que, nas relações entre mestre e aprendiz nas alfaiatarias, não havia uma preocupação em legalizar a condição do aprendiz.

Nos quinhentos e vinte processos trabalhistas analisados, entre os anos de 1941 a 1945, verifica-se a existência de apenas quatro ações¹ movidas

¹ Justiça do Trabalho. Alexandre Seifriz, et al. contra Alfaiataria Caprio, 1942, S/N, caixa 02. Gomercindo Oliveira et al, representados pelo Sindicato dos Oficiais de Alfaiate de Pelotas, contra Manoel Mota, 1941, S/N, caixa 04. José Rodrigues contra Darcy Machado de Menezes, 1941, S/N, caixa 03. Vicente Filizola Brandi contra Amadeu Padula, 1941, S/N, caixa 04. NDH-UFPel

contra alfaiatarias de Pelotas. Essas ações totalizam o número de doze empregados que reclamavam o pagamento de indenizações trabalhistas. Em um dissídio movido no ano de 1941 contra uma alfaiataria verificou-se a participação do Sindicato dos Oficiais de Alfaiate de Pelotas.

4 CONCLUSÕES

Por meio das entrevistas realizadas com os alfaiates da cidade de Pelotas, foi possível verificar algumas nuances da trajetória desses artífices, e a paulatina transformação de seu ofício. Os depoentes, em seus relatos, destacaram que o baixo custo das roupas confeccionadas pela indústria refletiu na queda do número de clientes que procuravam as roupas feitas sob medida. Pode-se atribuir essa transformação ao crescente processo de aceleração da produção industrial no pós Segunda Guerra Mundial, quando os trajes *prêt à porter*, termo francês que designa a roupa pronta para o uso, foram difundidos na sociedade através da mídia.

Silva e Aued (2000), ao investigarem o ofício dos alfaiates na cidade de Florianópolis, destacaram a evolução industrial, as mudanças na maneira de vestir, as grifes dos estilistas, o crediário, a massificação das grandes confecções e a falta de formação profissional da categoria, como fatores responsáveis pelo processo de extinção do ofício desses profissionais. No decorrer do projeto, serão construídas outras narrativas no campo da História Oral e investigadas outras fontes documentais que, conseqüentemente, podem elucidar não somente a história e a memória de profissões em extinção, mas o perfil da sociedade que possibilitou, primeiramente, sua condição de existência e, posteriormente, seu declínio.

5 REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marieta de Moraes. Historia oral: una brújula para los desafios de la história. **Historia, Antropologia y Fuentes Orales: escenarios migratórios**, Barcelona, nº28, p.141-152 , 2002.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo.Ed. Unicamp, 2003.

LONER, Beatriz Ana. O acervo sobre trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org) **Trabalho, justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes**. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 09-24.

LUCA, Tania Regina de.História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Iniciação ao Direito do Trabalho**. São Paulo: LTr, 2007.

SILVA, Maria Izabel da.; AUED, Bernadete. Alfaiates Imprescindíveis. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, SC, n 3, p. 03-39, 2000.